

# Para economistas, expansão depende de redução do déficit

*Técnicos prevêem que 1999 começará com a economia mais aquecida que a deste ano*

SALETE SILVA  
e ISABEL DIAS DE AGUIAR

**A** economia deverá iniciar um processo de recuperação no último trimestre desse ano que deverá persistir em 1999, prevêem especialistas. A expectativa dos técnicos é de, até o fim do ano, o País voltar a crescer 3% a 4% ao ano, níveis registrados antes da crise asiática. Os técnicos alertam, contudo, que, sem reduzir o déficit público, será impossível avançar mais do que isso.

A previsão do governo de que o PIB no último trimestre deverá superar em 4% o valor de um ano antes e manter essa média de crescimento a partir daí é compartilhada por economistas. Para os técnicos, mais importante do que o percentual é a tendência que o crescimento no fim do ano indica para 99. A expectativa é de 99 se iniciar com a economia mais aquecida do que em 98, avalia Otávio de Barros, da Sociedade Brasileira de Estudos de Empresas Transnacionais e da Globalização (Sobett).

"O objetivo do plano econômico era preparar o País para um crescimento sustentado e isso tinha de acontecer em algum momento", diz o economista. O ingresso de um bom volume de recursos internacionais, na sua opinião, é o que vai garantir o crescimento econômico no longo prazo. Nem a crise asiática, avalia, inibiu a entrada desse capital. No primeiro trimestre, lembra o economista, o País recebeu do exterior US\$ 3,5 bilhões em investimentos diretos. No mesmo período de 97, ingressaram no Brasil US\$ 3 bilhões. Sua expectativa é de os recursos diretos internacionais totalizarem US\$ 20 bilhões até o fim do ano, pouco mais do que os US\$ 18,5 bilhões de 97.

Para a consultora Ana Cristina Gonçalves, do BCN Alliance, empresa de consultoria, as perspectivas a partir do último trimestre, são boas e, na sua opinião, os indicativos são de que a economia tende a manter o ritmo de alta em 99. O principal indicador disso, na sua opinião, também são os investimentos. "As empresas estrangeiras e nacionais mantiveram os investi-

mentos mesmo depois da crise asiática porque entenderam que a alta dos juros era conjuntural", avalia.

Para o economista Paulo Levy, coordenador do grupo de conjuntura do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), a tendência também é de um crescimento econômico mais acelerado do que no segundo trimestre. Nos seus cálculos, a economia pode crescer no próximo ano mais de 4%. "Se fizermos a comparação ponta a ponta, vamos perceber que a economia estará crescendo num ritmo mais acelerado", avalia.

A previsão do professor Eduardo Gianetti da Fonseca, da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo (USP), é bem mais moderada. O País, avalia, deverá apresentar um crescimento econômico mais rápido no último trimestre e pode manter a tendência de recuperação nos meses seguintes, mas no longo prazo isso é insustentável, na sua opinião, porque problemas estruturais, como déficit público, não foram resolvidos. Sem gastar menos, o governo tem de tomar medidas para assegurar a estabilidade, como elevar as taxas de juros, que acabam freando os investimentos.

O ex-ministro Mailson da Nóbrega considera mediocre a previsão anunciada pelo governo. Essa também é a opinião de alguns empresários, que recebem sem entusiasmo a

**R**ECURSO  
EXTERNO PODE  
GARANTIR  
LONGO PRAZO

previsão do ministro Malan. Para o vice-presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Mario Bernardini, é insuficiente para consertar os estragos causados pela política econômica do governo nos últimos quatro anos. "Foram danos irrecuperáveis", afirmou.

Os indicadores do nível das atividades não asseguram as condições necessárias para que a economia dê um salto no fim do ano, segundo o diretor do Departamento de Economia da Fiesp, Franz Reimer. O expressivo crescimento das vendas da indústria ocorrido em março não se repetiu em abril, o que serviu para abrandar o entusiasmo dos empresários. "Estamos agora no ponto mais baixo da curva." Os fatores apontados como motivadores da retomada da economia não contribuem para o desenvolvimento, disse Bernardini. "O capital estrangeiro investido no País é dirigido exclusivamente para atender as necessidades do mercado interno."